[Recensão a] Dias, Lino Tavares (2015). Paisagens milenares do Douro Verde

Autor(es): Encarnação, José

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/43083>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_3-3_14

Accessed : 26-Apr-2023 10:59:08

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

BIBLOS

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

3 FUTUROS

NÚMERO 3, 2017
3.ª SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

DIAS, LINO TAVARES (2015).

Paisagens milenares do Douro Verde.

Casal de Cambra: Caleidoscópio, 152 p.

Filmes, telenovelas e publicidade aos vinhos e à excelência das unidades hoteleiras do vale do Rio Douro lançaram de novo um olhar atento sobre a paisagem duriense, a realçar as suas características ímpares e a celebrar os valores históricos que encerra. Desta sorte, pôde o Alto Douro Vinhateiro ser inscrito, de pleno direito, na Lista do Património Mundial da UNESCO na categoria de Paisagem Cultural Evolutiva e Viva, a 14 de Dezembro de 2001, aquando da 25.^a sessão do Comité do Património Mundial, realizada em Helsínquia, com base especificamente nos seguintes critérios:

- 1 – Constitui o testemunho excepcional de uma tradição cultural viva;
- 2 – É uma paisagem que ilustra períodos significativos da história portuguesa;
- 3 – Mostra exemplarmente a utilização tradicional do território, numa extraordinária interacção do Homem com o meio ambiente.

Em relação a este último ponto, acentuou-se também o facto de a classificação poder servir para o tornar menos vulnerável ao impacto de alterações irreversíveis. Daí que amiúde se chame a atenção para o facto de o enorme incremento da navegação, facilitada pelas eclusas e explorada por empresas turísticas, ser devidamente acautelado, assim como a construção de unidades hoteleiras, que devem respeitar a arquitectura tradicional e devidamente integrar-se na paisagem.

A classificação como “Paisagem Cultural Evolutiva e Viva” foi, pois, amplamente louvada, mas desde logo se procurou acautelar que essas “paisagens milenares” não fossem descaracterizadas. Recordo, a título de exemplo, que essa preocupação cedo foi alvo de estudo, inclusive a nível universitário:

Laura Verdelli defendeu, a 5 de Dezembro de 2008, na Universidade de Tours, a tese *Héritages fluviaux, des patrimoines en devenir – Processus d’identification, protection et valorisation des paysages culturels en France, Portugal et Italie: quelques exemples significatifs*, que foi preparada em regime de co-tutela com a Universidade de Coimbra. Aí se analisaram em simultâneo três bacias hidrográficas – a do Douro, a do Loire e as dos cursos de água que envolvem Milão (os vales do Ticino, do Ada e duma parte da do Pó)... – do ponto de vista das transformações que elas podem vir a ter, nas ilusões que acarreta, nos projectos que determina a introdução, aí, de uma tónica cultural motivada por essa elevada classificação, pela UNESCO, como “Património da Humanidade”.

O livro do Doutor Lino Tavares Dias vai também nesse sentido, ao aliar o estudo do passado com as perspectivas do futuro; ou melhor: procurando alicerçar no Passado (aqui com maiúscula) os procedimentos correctos a ter no porvir.

Lino Tavares Dias foi Director Regional de Arqueologia da Zona Norte, numa altura em que o governo de Lisboa tinha consciência da importância da descentralização dos poderes; e, nessa condição, calcorreou todo o Norte do País, de que era responsável. Preparou a sua tese de doutoramento sobre *Tongobriga*, cujas escavações dirigiu, uma cidade romana sita no Freixo, Marco de Canaveses, e aí criou a primeira – e, até agora, única no País – Escola Profissional de Arqueologia, destinada a formar técnicos em Arqueologia. É essa experiência que, naturalmente, ressumbra deste seu livro, de excelente apresentação gráfica, diga-se desde já, de capa rija e ilustrado com bem sugestivas fotografias.

E se o Autor afirma que pretende apresentar aqui “o resultado de observações e reflexões” feitas, ao longo dos anos, sobre o que, “para efeitos do planeamento e do turismo”, se designou o “Douro Verde” (p. 11), não deixa de chamar a atenção para o facto de a Paisagem poder considerar-se “a projecção cultural de uma sociedade num espaço determinado”, detendo, por isso, “intrínseco carácter dinâmico”. Por isso, não rejeitando fazer uma “autópsia”, aponta, de modo especial, a necessidade de se prever uma “biopsia”, a fim de o Douro Verde se pensar “de forma prospectiva” (*ib.*).

Começa, assim, por delimitar esse espaço designado “Douro Verde”: limita-o, a nascente, a serra do Marão; a sul, a serra de Montemuro; a norte e a poente, os terrenos agrícolas “já na margem direita do rio Tâmega” (p. 15).

Espaço, Tempo e Memória constituem, em seu entender, o prisma tríplice a partir do qual se podem reconhecer essas paisagens milenares. Daí que, nesse 2.º capítulo, fale dos “planaltos dolménicos” (pp. 27-29), dos “cumes castrejos” (pp. 29-30), das “encostas e vales romanos” (pp. 30-35), das “terras dos conventos” (pp. 35-36), das “casas e quintas senhoriais” (pp. 36-37) e, até, do caminho-de-ferro (pp. 37-39), a evocar as iniciativas que, nesse âmbito dos passeios de comboio ao longo do Douro, estão a ganhar cada vez mais adeptos, pelo sereno usufruto ímpar de uma paisagem ímpar, também eficazmente conseguida pelos já referidos passeios fluviais.

Torna-se premente, pois, aprofundar uma cada vez maior “concertação entre as diferentes entidades públicas e privadas com responsabilidade, interesse estratégico e tutela da Paisagem” (pp. 48); interrogar-se acerca do perfil dos visitantes, seus interesses e necessidades básicas; e, sobretudo, manter a autenticidade dessa mesma paisagem, em que – sublinha o Autor – uma criteriosa exploração das termas medicinais e mesmo das pedreiras pode apresentar-se como sugestivo foco de atracção, para além do já habitual ciclo das vindimas.

Como não podia deixar de ser, a ‘sua’ *Tongobriga* e o que nela foi levado a cabo no âmbito da escavação, preservação, publicação de resultados e exposição de materiais em adequado centro interpretativo, é por Lino Tavares Dias designada como “uma experiência marcante e avaliável no Douro Verde” (pp. 59-67).

Consequentemente, saber “gerir as Paisagens Milenares é um desafio do século XXI” (pp. 71-84), tendo em conta três parâmetros imprescindíveis: a globalização, a identidade e o lugar (pp. 87-101), pois, afinal de contas, neste Douro Verde até podem identificar-se quatro europas: a dos Celtas, de que nos restam os castros; a dos Romanos, que souberam ‘casar’ com o Norte as suas características mediterrânicas; a Europa que, de seguida, mormente a partir do século VI, os Cristãos vieram a moldar; e, finalmente, neste mundo quase sem fronteiras, a União Europeia...

E nesta página 101 termina o texto propriamente, que fora ilustrado, aqui e além, por fotografias, a preto e branco, da autoria de João Paulo Sotto Mayor, a mostrar aspectos das ruínas de *Tongobriga*. E cede-se espaço para a eloquência das imagens a cores, de Lino Tavares Dias: as vastas paisagens; os monumentos dolménicos; o casario típico com seus azulejos e ferros forjados;

as calçadas a descer pró rio, a par das vias romanas; o voluptuoso ondulado das colinas que parecem querer aninhar a aldeia de Mafómedes (pp. 116-117). E, num dia de Março de 2009, um casal corta, tranquilo, o mato para a cama dos bovinos, que, ao lado, pachorrentos, “foram amarrados à vedação de uma mamoa” pré-histórica da serra da Aboboreira (pp. 110-111)...

Noutra imagem, as gigantescas pás brancas das eólicas cortam, sussurrantes, a serenidade do azul; ostenta flores orgulhosas, em cacho, a vegetação rasteira; e, um pouco mais além, jazem, especados, como há milénios atrás, os esteios de um dólmen neolítico, saudosos dos mortos que, durante muitos séculos, guardaram. Evoca-se, aqui, a morte e a eternidade; mais além, cantam as hélices as maravilhas de um futuro que teimam em antojar risonho.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

jde@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra